

A degradação atinge setores da W 3 Norte

Nas quadras 700 gente e comércio na promiscuidade

Marcelo Abreu

Há uma outra Brasília dentro do Plano Piloto. Vista e frequentada durante o dia, mas ignorada à noite — quando as oficinas mecânicas fecham, o roncar dos motores cessam e os botequins silenciam.

Essa "cidade" é a Avenida W3 Norte, que contrariou radicalmente a concepção original da Capital Federal. Tentar modificá-la, agora, será difícil.

Quem nunca levou seu carro para consertar em uma das dezenas de oficinas existentes ao longo de toda a avenida? Quem nunca parou em uma das inúmeras lojas de carros para saber a oferta do dia ou simplesmente regular os freios?

No Plano Piloto, é o lugar mais feio e esquisito da cidade. Lembra subúrbio, mas eu preciso cada vez mais dos serviços que existem nas redondezas. Não dá

para imaginar a W3 de outra forma, ela já se incorporou à vida de todos nós, moradores ou não da Asa Norte", comenta o engenheiro Carlos Alberto Monteiro.

A Avenida W3, com todos os problemas de infra-estrutura e contradições, existe. Ignorar é negar uma realidade

Oficinas Mecânicas — Atrás, em cima e em baixo das mesmas oficinas que salvaram — e continuam salvando — milhares de motoristas desesperados, mora uma infinidade incalculável de gente.

São famílias que não abrem mão de residir no Plano Piloto. Mesmo que para isso tenham que pagar com a própria saúde.

"Quando estava grávida respirava todos os dias a fumaça dos carros que entrava pela minha janela. Minha filha nasceu com bronquite crônica", conta Ana Eveline Silva, moradora há dez anos de quitinete em cima de uma oficina mecânica.

Tentando explicar o motivo pelo qual não muda do local, Ana pergunta: "Onde, no Plano Piloto, eu vou pagar R\$ 150 de aluguel por um quitinete?" Ela certamente não encontrará resposta.

Um quitinete na Norte, em lugar que não tem oficinas mecânicas, bares, lojas de carros ou qualquer outra coisa que incomode custa em média R\$ 450. Se for em bloco novo, primeira locação, ela pode chegar a R\$ 500.

Na opinião do arquiteto Mauro Fittipaldi, proprietário da Fittipaldi Empreendimentos Imobiliários, que lida com o mercado da Asa Norte, o caos em que se transformou a Avenida W3 vem de uma tentativa de "expulsar tudo de ruim que aconteceu na Asa Sul".

Transferência — "Tudo que na concepção dos moradores perturbava a Asa Sul, principalmente as oficinas mecânicas, foi transferido para a Asa Norte e hoje convivemos com esse panorama — esteticamente feio, mas absolutamente incorporado aos costumes e necessidades dos moradores", analisa Mauro.

O arquiteto diz também que faltou um planejamento direcionado ao tamanho que a cidade iria crescer e os espaços disponíveis para comportar esse crescimento. "Os idealizadores de Brasília nunca imaginariam que ela fosse crescer dessa forma."

Edson Gês



Nas casas de dois andares, com lojas ou oficinas no térreo, as obras de suposta melhoria são irregulares

Quitinetes até sem luz do sol

Andando pelas ruelas das quadras 700, logo atrás da avenida, percebe-se uma cidade que está muito longe daquela que os arquitetos Oscar Niemayer e Lúcio Costa conceberam.

A dura realidade do problema de moradia que assola todo o País chegou à cidade de 35 anos de idade, atrapalhando a realização dos sonhos dos arquitetos.

A Brasília de linhas retas e espaços definidos dá lugar a uma cidade pouco conhecida, que jamais aparecerá nos cartões postais.

Becos — Quem nunca se aventurou pelos becos das 700 também não conhece essa outra cidade. Para quem achava que Brasília não os tinham, eis a chance de comprovar.

É em um deles, na 708 Norte, que mora Maria Amélia Martins da Cruz, 28 anos, atualmente desempregada.

Maria Amélia mora num apartamento de subsolo. Além do seu mais dois fazem parte de condomínio. Dois quartos minúsculos, sala, banheiro e cozinha compõem o imóvel.

Luz natural não entra no local. As lâmpadas têm que ficar acesas o dia inteiro. O ar entra por duas pequenas janelas que não fariam a menor falta se não existissem.

Em cima do apartamento de Maria Amélia está uma trepidante oficina, daquelas que testam os carros às seis horas da manhã — de segunda a sábado, às vezes aos domingos também.

Como se não bastasse o barulho dos carros, o cheiro de óleo, graxa e pintura invade seu apartamento diariamente.

"Não dá para dormir, mas o que vou fazer se só é aqui que consigo pagar?", indaga ela.

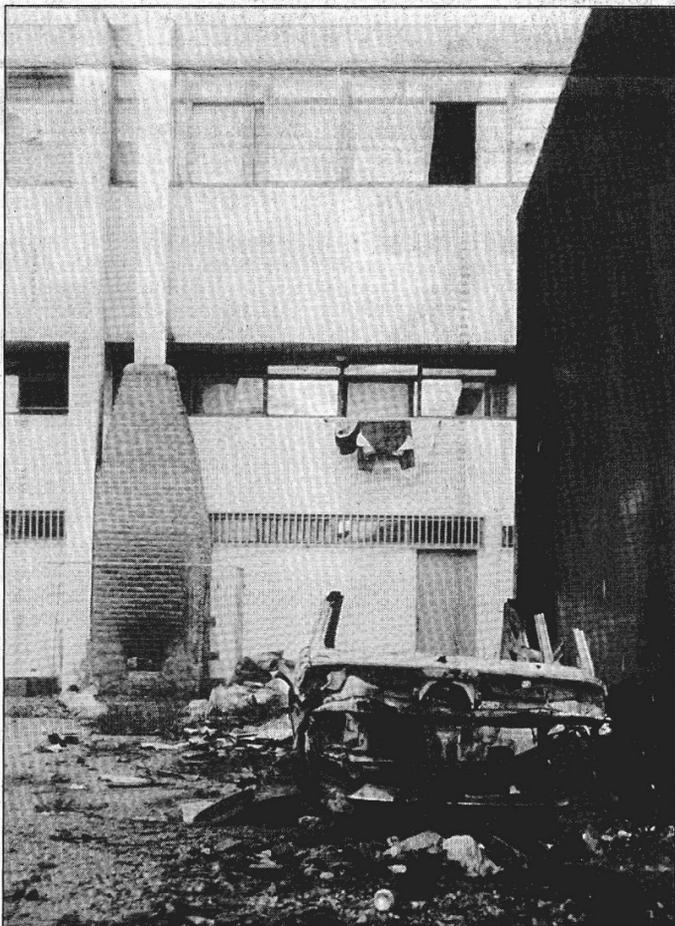
A vizinha de Maria Amélia, Lucilene Moreira, mora com o marido e quatro filhos no apartamento ao lado.

Lavar roupa — "Vivo os mesmos problemas da minha amiga. Lavar roupa é também um drama, pois como não espaço dentro de casa, estende do lado de fora, na rua, e fico pastorando (vigiando) para os pivetes não roubarem", conta Lucilene.

Pelo apartamento de subsolo, que não tem sequer local para secar roupa, Lucilene, caixa de uma padaria, paga R\$ 150.

Resignada, ela dispara: "Aqui está ótimo, pior são uns aqui por perto onde só existe um banheiro coletivo para todos os apartamentos."

Definitivamente, essa não é a cidade dos sonhos de Oscar Niemayer e Lúcio Costa. Ou pelo menos não o Plano Piloto, um dos lugares privilegiados da capital.



Vândalos incendiam carros abandonados e usam as ruas como sanitários

Fiscalização não funciona

Despreparada para abrigar uma população incalculavelmente maior de que a esperada, Brasília foi crescendo e as pessoas tiveram que improvisar seus próprios espaços.

A Avenida W3 Norte, à altura das quadras 700, aquelas próximas à pista, é o exemplo mais típico e notório do efeito desse inchaço populacional.

Lá convivem no mesmo espaço, harmoniosamente, casas residenciais e outras não tão residenciais — como casas de massagem para executivos —, bares, farmácias, consultórios dentários, clínicas veterinárias, academia de ginástica e muitas, mas muitas lojas de vendas de carros e oficinas mecânicas.

Padronização — A cidade onde as farmácias, os bancos e os hospitais foram concebidos para estar num só lugar deixou de ser radicalmente padronizada e setorizada depois do advento da barulhenta W3 Norte.

O ecletismo hoje predomina na avenida. Para alegria dos consumidores em trânsito e desespero dos moradores das redondezas.

"A cidade cresceu sem um planejamento adequado, as pessoas

precisam morar e, em decorrência disso, assiste-se a uma verdadeira guerra na improvisação de moradias". Nem os toldos que os comerciantes puseram foram aprovados, mas eles insistem em fazê-lo", atesta a arquiteta e fiscal de obras da Administração de Brasília, Rose Fittipaldi.

Improvisação — Segundo ela, o que a fiscalização de uso da Administração tem constatado é que as pessoas acabam "improvisando" mais andares em cima do que já foi permitido.

"Depois da obra pronta e o alvará do habite-se, o proprietário improvisa mais um andar mesmo sabendo que é irregular. Paga uma multa para a Administração e vai levando. Não tem como controlar", conta Rose.

Quanto ao eterno problema da proliferação das oficinas mecânicas, a fiscal diz que a maioria tem lote no Setor de Oficinas Norte, próximo ao Carrefour, mas nenhum deles manifestou interesse em se mudar para o local.

"Eles alegam que perderão seus clientes e lá o negócio não trará o mesmo rendimento", completa Rose.

Moradores reclamam do abandono

Na 707 Norte, bloco B, mora há 30 anos a dona de casa Lúcia Maria de Oliveira Santos, 38, casada, quatro filhos.

"Minha infância e adolescência foram aqui. Casei, tive meus filhos e continuo nessa casa", conta Lúcia Maria. Hoje, a casa tem dois pavimentos, quatro quartos, dois banheiros e moram seis pessoas.

"O nosso maior problema não são nem as oficinas, pois convivemos com elas há pelo menos 25 anos. O grave são os pivetes, que nos amedrontam dia e noite. Aqui é casa e banheiro deles", desabafa ela.

A dona de casa lembra com carinho da sua infância na 708. "Era um lugar muito bonito. Brincávamos na rua e não tinha essa depreciação que existe atualmente."

Contradição — Segundo Maria Lúcia, hoje o local está desprezado pelas autoridades. "Não temos coleta de lixo, tampouco segurança. Ironicamente, é um lugar privilegiado da cidade."

A reclamação dela tem fundamento. Nos becos, o odor de fezes e urina humana misturado ao óleo e às graxas que saem das oficinas mecânicas deixa o local com cheiro insuportável. Quem passa por lá não tem como esquecer.

Indiferente ao mau cheiro, dezenas de quiosques e botequins se espalham ao longo de toda a avenida. Bacalhau, sarapatel e dobradinha saltam à mesa



Lojas, bares, moradias improvisadas, rua estreita e muita desorganização

e enchem de felicidade as pessoas que trabalham por perto. Nessa hora, o odor é apenas um detalhe.

"Temos um espaçoso apartamento de dois quartos com dependência no Núcleo Bandeirante e pagamos este ano R\$ 170 de IPTU. Aqui pagamos R\$ 500 e não usufruímos dos serviços públicos", arremeta Maria Lúcia.

Da mesma opinião compartilha o morador Anacleto Oliveira. "Além de ser uma área feia, o lixo e marginalização ainda rondam nossas

portas. Já acordei com um grupo de 15 pivetes incendiando a rua", conta.

Oliveira disse que já tentou vender, trocar ou fazer qualquer negócio com seu apartamento de dois quartos, mas não apareceram compradores. "Moro em cima de oficina, num beco escuro. Quem vai querer?", indaga.

Depois, completa: "Temos o pseudo-status de morar no Plano Piloto, mas vivemos pior do que na pior das satélites."